

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2012

Francilene Maciel da Rocha Blazina

**O ensino e a aprendizagem musical
na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre**

Porto Alegre
2013

Francilene Maciel da Rocha Blazina

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização em Pedagogia da Arte, da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Prass

Porto Alegre
2013

Louvai ao Senhor. Louvai a Deus no seu santuário; louvai-o no firmamento do seu poder. Louvai-o pelos seus atos poderosos; louvai-o conforme a excelência da sua grandeza. Louvai-o com o som de trombeta; louvai-o com o saltério e a harpa. Louvai-o com adufe e a flauta; louvai-o com instrumento de cordas e com órgãos. Louvai-o com os címbalos sonoros; louvai-o com címbalos altissonantes. Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor.

(Salmo 150)

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, pelo amor e dedicação incondicional. Amo vocês!

A minha mãe que sempre me incentivou na questão dos estudos, mostrando pra mim que estudar é muito importante. Obrigada, mãe, pelo empenho que fazia para conseguir professores particulares e obrigada por um deles ter sido o Elimar.

Elimar, obrigada por fazer parte da minha vida e por ter me ensinado e incentivado a estudar música, obrigada por seres quem és. Te amo!

Aos meus irmãos, que são uma das coisas mais lindas que tenho na vida, Miguel, Gabriel, Rafael e Daniel. Amo vocês!

A minha orientadora, professora Dra. Luciana Prass UFRGS, pela dedicação e atenção que tiveste durante este percurso da minha vida, muito obrigada.

A professora Dra. Maria Cecília Torres IPA, que lá em 2009 acreditou em mim, me incentivando, sendo uma grande orientadora de estágio e de projeto de extensão.

Agradeço aos pastores Ubiratan Batista Job, Elieser Morais e Jorge Pereira Vargas, pela atenção dada e pela permissão para que esta pesquisa fosse realizada na Assembleia de Deus em Porto Alegre.

Agradeço ao professor Davi Coelho da Rosa e à sua esposa Marcilene da Rosa, pela atenção e pela disponibilidade em me ajudar no que fosse necessário.

Aos entrevistados, Filipe Ramos, Vera Regina e Ronald, pela disponibilidade para responder às perguntas.

A todos os envolvidos nas aulas de música e na *igreja*, que mesmo não tendo sido entrevistados, fizeram parte desta pesquisa.

A todos os que oraram por mim e que torceram por esta conquista. Obrigada!

Resumo

Com o objetivo de entender melhor como funcionam, nos dias de hoje, as aulas de música no âmbito de uma igreja evangélica com tradição na formação de bandas, orquestras e corais, realizei essa pesquisa na Igreja Assembleia Deus em Porto Alegre. Observando durante dois meses diferentes turmas de aulas de música, realizando cinco entrevistas com professor, alunos e ex-alunos da igreja, hoje músicos profissionais, construí essa monografia em que apresento os projetos musicais, quem são os freqüentadores das aulas de música na igreja, seus objetivos, suas expectativas e as metodologias utilizadas pelos professores. Nesse processo foi possível conhecer um pouco mais sobre a trajetória de músicos profissionais que tiveram sua iniciação musical em uma igreja evangélica, como foram suas aulas, as dificuldades encontradas no aprendizado e o caminho percorrido até a profissionalização. Por fim, apresento um pouco da música empregada durante os cultos, suas características e abrangências.

Sumário

Introdução, 7

Capítulo 1 - A música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre

- 1.1. Breve histórico da música na Assembleia de Deus, 15
- 1.2. As aulas de música na *Igreja*, 18
- 1.3. O Projeto Flauta Doce, 20

Capítulo 2 - O ensino e a aprendizagem musical na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre

- 2.1. Estudar música: para muitos adultos, um sonho de criança, 29
- 2.2. Motivações dos alunos e ex-alunos ao ingressarem nas aulas de música na Igreja, 31

Capítulo 3 - Trajetórias de músicos profissionais advindos das aulas de música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus

- 3.1. O caminho percorrido e a profissionalização, 34
- 3.2. As dificuldades, 37

Considerações finais, 40

Referências, 42

Anexos

Introdução

Diário de campo, quarta-feira, 22 de agosto de 2012.

Cheguei na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, situada na rua General Neto, 384, Bairro Floresta em Porto Alegre, RS, às 20h05min. Como a aula de música começaria apenas às 20h30min, participei do culto e, depois eu, o professor Davi Coelho e os alunos, nos dirigimos para a sala de aula, pois a aula de música acontece no horário do culto, em uma sala separada.

Quando cheguei na igreja estavam todos em pé cantando uma música. Logo em seguida, já sentados, cantaram dois hinos da Harpa Cristã, que é o hinário utilizado pela Assembleia de Deus. Na sequência duas irmãs (como são chamadas as mulheres na igreja), cantaram um hino cada uma.

Já passava das 20h30min. O professor estava tocando teclado acompanhando os louvores. Às 20h40 começou a movimentação do professor e dos alunos até a sala de aula. Acompanhei-os até lá e, apesar de frequentar eventualmente esta igreja, não conhecia o ambiente das aulas. Uma sala ampla, iluminada, com quadro, mesa para o professor, enfim, com toda infraestrutura adequada para uma aula de música, algo que para mim é de suma importância para o aprendizado musical de um aluno.

Havia onze alunos: quatro crianças com idades entre oito e dez anos, duas senhoras, duas jovens, dois jovens e um senhor. As idades variavam entre vinte, trinta e cinquenta anos.

Perguntei sobre a participação destas crianças na aula de quarta à noite, já que existe para os pequenos, no domingo pela manhã, aula de flauta doce. O professor respondeu que é porque eles não podem vir no domingo.

A aula iniciou com uma revisão no quadro das figuras musicais e suas durações:

Nota	Pausa	Tempo	Nomenclatura
		4	Semibreve
		2	Mínima
		1	Semínima
		1/2	Colcheia
		1/4	Semi-Colcheia
		1/8	Fusa

As crianças estavam sentadas nas primeiras cadeiras, uma ao lado da outra. Durante a revisão eram as que mais participavam, respondendo bem alto às perguntas do professor.

Em seguida o professor distribuiu uma folha com as primeiras lições de solfejo, ele cobrou mais estudo em casa, disse que na aula passada ficou preocupado, pois tem percebido a falta de estudo dos alunos fora do ambiente da sala de aula.

Ele escreveu um pentagrama no quadro, colocou a clave de sol e o “C” (sinal que indica o compasso quaternário). Uma das crianças (um menino) perguntou o que era aquele “C” após a clave de sol. Pacientemente o professor explicou para todos.

Retomou com os alunos as lições da folha que havia distribuído. Alguns estavam com dificuldades e errando o nome das notas. (Ressalto que o solfejo do compasso quaternário era realizado durante toda a leitura da partitura, tanto com os adultos quanto com as crianças).

Algumas dificuldades foram encontradas pelos alunos, então o professor escreveu a escala de dó maior no quadro e passou à leitura das notas com todos. Depois solfejou com as quatro crianças que estavam na frente. Foram poucos os erros.

Em seguida, com os demais alunos, o professor revisou novamente o solfejo do compasso quaternário. Pediu para cada um solfejar as lições que haviam estudado¹ começou com as crianças. Dois jovens já estavam nas lições 15 e 17, os mais adiantados da turma.

Uma senhora e uma jovem estavam assistindo recém sua segunda aula,

¹ Partituras em anexo.

portanto, não quiseram solfejar. Ainda estavam inseguras, pediram para deixar para a próxima aula. Estas duas alunas são pessoas da comunidade, que ficaram sabendo das aulas e vieram fazer parte desta turma.

Ao final o professor pediu para olhar o violino de um dos alunos, um menino. Depois mostrou o clarinete para o jovem que já está na lição 15 do solfejo, e a sua escolha será o clarinete.

O costume da Igreja Assembléia de Deus, sempre foi o de adquirir instrumentos musicais, principalmente instrumentos de sopros, para emprestar aos seus membros. Em alguns casos, os alunos, depois de algum tempo adquirem seu próprio instrumento, devolvendo o antigo novamente para igreja possibilitando assim o empréstimo a outros alunos que também poderão ser iniciados na música.

A música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus sempre ocupou um espaço muito importante, atraindo muitos fiéis ao louvor, com aulas e ensaios de orquestras e corais, além das diversas intervenções musicais durante as reuniões.

Sempre houve bandas e corais, para os adultos e para as crianças. Eu como freqüentadora desde criança da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viamão, participava de todos os corais infantis. Cantar para mim era muito valioso, ainda mais quando tínhamos apresentações.

Sempre tive o apoio dos meus pais que me incentivavam e compravam LPs infantis para eu poder escutar e cantar. Quando aprendia um hino, logo pedia uma oportunidade para cantá-lo na Escola Dominical.

Aos quatorze anos de idade fui convidada para reger um coro infantil. Foi uma experiência marcante. Aos quinze anos ingressei nas aulas de música promovidas pela igreja. Era uma turma com cerca de trinta alunos. Depois de três aulas desisti, não conseguia acompanhar o grande grupo. Aos dezessete aprendi música com meu marido que, na época, era meu namorado, ele também, músico formado a partir das experiências musicais na igreja. Em casa mesmo ele passou a me ensinar o solfejo (leitura das notas e ritmos). Mais tarde, o regente da orquestra da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viamão me convidou para participar da Orquestra que estava formando, pois até então existia somente uma banda. Nesta orquestra ingressariam os violinos e a flauta transversal, que foi a minha escolha instrumental. A flauta que eu usava era emprestada pela Igreja, um costume que se

tem quando o aluno não possui o instrumento. Quando estava na lição trinta e seis do método Bona², o maestro me passou a flauta.

Tive aulas com um professor, músico da Banda do Exército. Depois que estava dominando o instrumento, foram feitos arranjos com ritmos e notas facilitadas, para que eu pudesse participar da Orquestra, onde permaneci por alguns anos.

Depois de algum tempo participei, como aluna de flauta transversal, do Projeto de Extensão da UFRGS.

Mais tarde cursei Licenciatura em Música no Instituto Porto Alegre (IPA), onde me formei, e aquilo que eu tinha iniciado aos dezessete anos se confirmava: um aprendizado mais abrangente da música.

A partir deste meu envolvimento musical na Igreja e do meu processo de aprendizagem com esse viés é que despertou em mim o interesse sobre o assunto, qual seja: o ensino e a aprendizagem musical dos músicos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre.

Em meu cotidiano, deparei-me com um grande número de músicos profissionais atuando em nossas orquestras e bandas aqui de Porto Alegre, que tiveram seus primeiros ensinamentos musicais em uma igreja evangélica.

Segundo pesquisa de Thomaz Favaro,

as igrejas que mais formam músicos são a Assembléia de Deus, a Igreja Batista e a Congregação Cristã no Brasil. Nas duas primeiras, os fiéis aprendem a tocar desde hinos evangélicos orquestrados até peças consagradas da música sacra, como as compostas por Johann Sebastian Bach (FAVARO, 2007, s/p).

Nos dias de hoje, não é difícil encontrarmos nas faculdades de música, nos conservatórios, em ambientes de aulas particulares e em grupos musicais, muitos alunos que tiveram sua iniciação musical em uma igreja evangélica. Muitos buscam as universidades ou conservatórios para um aperfeiçoamento, seja da parte técnica ou teórica da música outros procuram os grupos musicais para ampliar seus

² Bona é um método de solfejo desenvolvido pelo italiano Paschoal Bona (1816-1878) editado no Brasil pela Editora Irmãos Vitale. Bona foi professor de canto no Conservatório de Milão, onde escreveu este tradicional método utilizado em suas aulas de solfejo. Este método de divisão musical era utilizado nas aulas de música na igreja em que aprendi e continua servindo de material didático em alguns locais de ensino de música, não apenas em igrejas, mas também em escolas, conservatórios e universidades.

conhecimentos de estilos e exercitar prática de conjunto.

Assim como eu, muitos alunos buscam locais fora da igreja para complementar sua formação, já que em algumas igrejas o ensino é dedicado apenas para os momentos do culto, não dando uma maior amplitude na teoria e prática musical, levando estes alunos para o lado de fora para buscar um conhecimento mais aprofundado. Segundo Alice Marques, em relação ao estudo fora do ambiente da escola, afirma que

O “lá fora” está relacionado à realidade do mercado de trabalho, da prática das atividades musicais, das pessoas com as quais se vai compartilhar as atividades musicais. É por isso que lá ocorrem outros saberes, os quais interessam ao aluno artista, aluno instrumentista, aluno profissional (MARQUES, 2008, p. 44).

Ou seja, segundo a autora, o “lá fora” para o aluno de música da igreja, é que irá lhe dar uma maior abrangência, é onde irá se deparar com outros desafios, diferentes daqueles que passou ao longo de sua formação musical na igreja, caminho necessário para chegar ao mercado de trabalho. Para Débora Freitas “o repertório das bandas evangélicas são os hinos tradicionais de cada igreja, podendo ser executados da maneira como escritos nos hinários ou com outros arranjos, utilizando ritmos brasileiros e/ ou internacionais” (FREITAS, 2008, p.11).

O músico, no ambiente da igreja, está restrito apenas aos estilos e formas musicais contidas no hinário utilizado em sua congregação, muitas vezes o afastando de conhecimentos estilísticos necessários para o seguimento de uma carreira profissional fora da igreja, pois se o professor não lhe apresentar em sala de aula tais estilos e formas de execução, dificilmente nos cultos semanais o aluno irá se deparar com os mesmos, ficando em defasagem de conhecimentos no caso de uma possível disputa de uma vaga em um grupo profissional. Para a autora Luciana Requião, no que diz respeito às escolas alternativas, ou seja, no ensino não-formal, como podem ser pensadas as aulas de música na igreja,

[...] entendemos que o músico profissional, além de encontrar no mundo do trabalho uma grande diversidade de campos de atuação, irá se deparar com diversos contextos musicais onde o repertório será um fator determinante na avaliação de suas competências. Isto quer dizer que a competência de um músico poderá ser avaliada de formas distintas, dependendo do contexto onde ele vai atuar (REQUIÃO, 2002, p. 61).

Nas reuniões da igreja são executados os hinos que, muitas vezes, possuem um mesmo estilo, conduzindo e/ ou limitando o estudante apenas à variação de ritmo, não o preparando para uma gama de nuances na execução musical, dando muitas vezes ao mesmo uma falsa impressão de domínio sobre o instrumento em termos de dinâmicas, estilos e todos os demais componentes musicais que farão diferença em uma disputa dentro de uma sociedade competitiva e seletiva, diferente do ambiente encontrado dentro de uma igreja, onde os músicos são vistos como colaboradores na execução de músicas e hinos nos cultos semanais. Neste sentido, Freitas descreve que

as bandas e orquestras evangélicas de algumas igrejas [do Rio de Janeiro] visitadas apresentam alguns problemas de qualidade técnica instrumental e de interpretação musical. Geralmente os músicos tocam muito forte, mas o tocar em conjunto ajuda o praticante a ter noção de intensidade. É muito importante focar que as bandas evangélicas apesar desses problemas têm sido grande celeiro de onde saem ótimos músicos para as grandes orquestras e bandas seculares (FREITAS, 2008, p. 13).

Com todas as dificuldades e contratempos “no cenário evangélico brasileiro, a música tem sido um elemento indispensável em sua liturgia. Através de sua prática percebe-se formações vocais e instrumentais diversas” (FONTOURA; SILVA, 2010, p. 4) e, como prova deste grande desenvolvimento e dedicação, o surgimento de grandes cantores e instrumentistas. Em um artigo na revista Veja, Favaro comenta que

três de cada dez músicos da Orquestra Sinfônica do Paraná, por exemplo, freqüentam alguma igreja evangélica. Dos catorze profissionais recém-contratados pela Sinfônica de Porto Alegre, quatro são evangélicos. Eles também representam uma gorda fatia de 35% dos músicos brasileiros da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (FAVARO, 2007, s/p).

Na fotografia que ilustra esta matéria³ de Favaro na Revista Veja, na Orquestra Sinfônica de São Paulo (Osesp), 35% dos músicos brasileiros são evangélicos. A Orquestra concentra 109 músicos, sendo que 23 são brasileiros evangélicos, 43 brasileiros não evangélicos e 43 estrangeiros.

Diante dos dados desta matéria, constatamos a grande ênfase da mídia que vem destacando a atuação destes músicos advindos das igrejas evangélicas e sua

³ Disponível em veja.abril.com.br/060607/p_104.shtml. Acessado em 25/11/2012

inserção no mercado de trabalho. Ao pesquisarmos em sites e revistas sobre o ensino musical nas igrejas evangélicas e sobre músicos profissionais, nos deparamos com muitos artigos e notícias referentes a esta questão (Biblioteca Digital Unicamp, g1.globo.com, Revista Veja, Revista da ABEM, entre monografias de conclusão de curso e dissertações de mestrado).

Para Freitas,

as igrejas estão cobrindo o papel antes reservado aos cursos básicos e técnicos de música. Mesmo sendo instituições que não são formadas para a formação musical, encontramos um aumento relevante do número de alunos que vêm das igrejas ingressando nas Universidades. Se, por um lado, existe a falta de preparo e da formação específica dos profissionais em relação às novas propostas de ensino de música, por outro, a igreja é um espaço que em geral apoia este trabalho tanto financeiramente quanto pelo esforço por parte dos professores com vistas a um trabalho de preparar os músicos visando as apresentações em suas igrejas (FREITAS, 2008, p. 33).

Os músicos que tiveram sua formação musical nas igrejas evangélicas conseguem preencher as vagas de grandes grupos instrumentais nacionais e inclusive internacionais. Mas como é o caminho percorrido para atingir este grau de excelência musical?

Segundo Favaro, “na última década, instrumentistas que tiraram os primeiros acordes em salas de aula improvisadas em igrejas, passaram a representar um percentual cada vez maior nas principais orquestras nacionais” (FAVARO, 2007, s/p).

Nessa pesquisa procurei descobrir mais sobre a formação destes músicos, suas facilidades e dificuldades no aprendizado em um meio religioso, de que forma chegaram a um nível profissional de atuação e as expectativas de professores e alunos nas aulas de música. Também foram mapeados os métodos utilizados, a formação dos professores, os objetivos dos alunos e dos músicos que hoje são profissionais. Aprender para tocar na igreja ou para tocar fora dela? Como são organizadas as aulas, será que atendem as expectativas destes alunos? De que forma esta bagagem lhes favorece? O que lhes despertou para o aprendizado inicial da música na Igreja?

A presente pesquisa foi realizada na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Porto Alegre, localizada na Rua General Neto, 384, Bairro Floresta, onde o trabalho musical, hoje é liderado por Davi Coelho da Rosa, que desde junho de 2012, tem se dedicado ao ensino da música para crianças, jovens e adultos, com

aulas teóricas e práticas. Neste projeto musical, o que é novo na igreja, são as aulas de música para as crianças, que através do ensino da flauta doce estão sendo inseridas no contexto musical instrumental.

Esta pesquisa foi de caráter qualitativo que, para Bogdan e Biklen,

caracteriza-se pela obtenção de dados através da inserção direta no meio pesquisado; pelo uso de descrições, que permitem a análise dos dados em profundidade, em toda a sua riqueza, preservando-se o seu caráter situacional; pelo interesse maior pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; pela tendência de analisar os dados de forma indutiva, sem partir de hipóteses pré-estabelecidas, sendo as abstrações construídas à medida que os dados vão sendo analisados; pela importância vital ao significado, buscando-se a compreensão das perspectivas dos participantes da pesquisa (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 720).

As observações foram realizadas com aulas voltadas para as crianças (com o ensino de flauta doce) e para adultos (teóricas), totalizando dezesseis aulas, incluindo cinco entrevistas com alunos, ex-alunos e músicos profissionais da referida igreja, além da participação nos cultos, ensaios e apresentações da orquestra e do grupo de flautas doces.

Em relação às entrevistas Bogdan e Biklen ainda destacam que

em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134).

As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, de forma que se manteve a fala original dos entrevistados. Foram entrevistados cinco adultos, entre alunos e professores, sendo três deles hoje músicos profissionais. Seus nomes originais foram mantidos.

Com esses dados pude construir os capítulos dessa monografia, baseados nas perguntas e respostas dos entrevistados, descrevendo a trajetória de alunos, professores, envolvidos no contexto musical da *igreja*, colaboradores dessa pesquisa.

Encontramos ao longo deste trabalho trechos que constata a valorização deste ensino na Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Porto Alegre. Um ensino, qualificado e valorizado por pastores, alunos, professores, pela congregação em geral e pela sociedade como um todo.

Capítulo 1 - A música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre

Neste capítulo trago um pouco da história da música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre, a música como objeto de louvor e adoração dentro dos templos. Traço também um breve histórico, contendo os materiais publicados e editados pelas Assembleias de Deus, utilizados para facilitar o louvor com cânticos em grupo, coral, vocal e instrumental, os projetos musicais, o dia a dia das aulas de música, além de descrever as práticas musicais durante os cultos.

1.1 Breve Histórico da música na Assembleia de Deus

Em 1924 os primeiros missionários da Igreja Evangélica Assembleia de Deus chegaram em Porto Alegre, e conseqüentemente no Rio Grande do Sul. Vieram com a missão de disseminar o evangelho, surgindo assim a primeira Igreja Evangélica Assembléia de Deus nesta cidade.

O trabalho destes missionários rendeu muitos frutos. Hoje as Igrejas Evangélicas Assembléia de Deus estão firmes em levar a diante o legado deixado por estes missionários, com aproximadamente duzentos templos distribuídos em quarenta distritos.

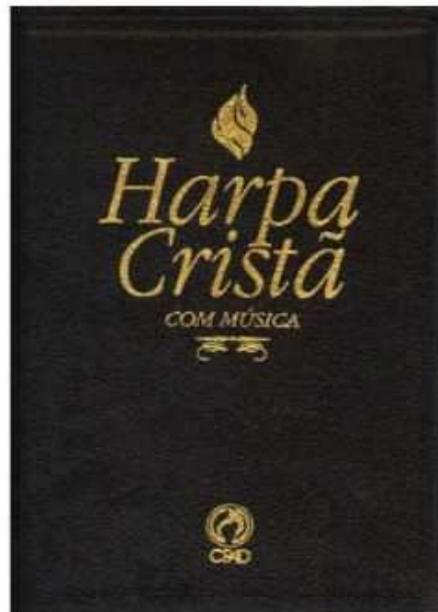
Uma das formas que durante todo este tempo tem atraído muitos fiéis para as igrejas é o louvor. Através do louvor o povo se une em um só canto para adorar a Deus, seja através da música cantada ou tocada.

Aqui na cidade de Porto Alegre, as igrejas guardam e continuam mantendo como prática, cada vez mais forte e qualificada, o *cântico* durante os cultos, fazendo uso de aulas de música para alunos de todas as idades, corais, orquestras e grupos vocais e instrumentais para incentivar esse objetivo. Nos corais encontramos divisões por faixas etárias: coral da juventude, coral das *irmãs*, coral infantil, grupos vocais e coral misto a quatro vozes. *Irmãs* e *irmãos* são as categorias utilizadas na igreja para referir-se a seus membros.

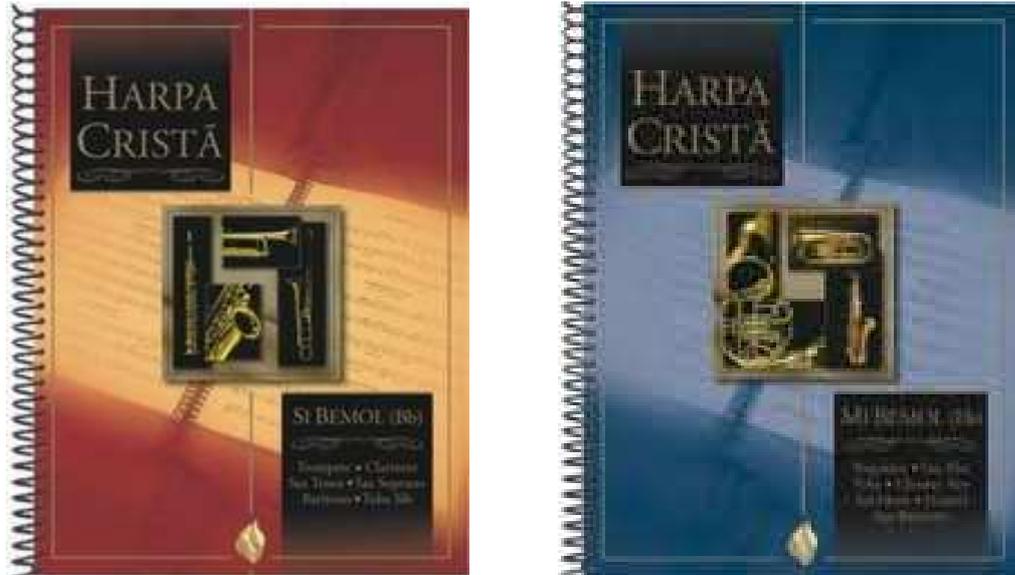
Uma prática realizada em todos os cultos da Assembléia de Deus é, logo que iniciam os cultos, após uma oração, geralmente é cantado um ou mais hinos da *Harpa Cristã*, com a participação de todos os membros.

A Harpa Cristã⁴ é um hinário que, desde a década de 1930, é utilizado nos cultos para o canto em conjunto. Composto por melodias e letras de diversos autores, nacionais e internacionais, o livro conta hoje com 640 hinos de adoração a Deus, incluindo hinos cívicos.

Em 1937, a Convenção das Assembleias de Deus, nomeou uma comissão para então editar e imprimir a primeira Harpa Cristã com música. Também há versões da *Harpa* adaptadas para instrumentos transpositores nas tonalidades de Bb e Eb, versões só com a letra e ainda a versão para coro a quatro vozes.



⁴ Disponível em <http://www.lettras.com.br/#!/fotos/harpa-crista> Acessado 09/01/12.



No decorrer dos cultos são cantados hinos especiais, por uma ou duas pessoas, e pequenos cânticos, quando a congregação de fiéis da igreja canta juntamente com o responsável pela direção do culto. Também há um momento destinado à apresentação dos corais, que geralmente cantam de três a quatro hinos. O acompanhamento dos cânticos é feito pelos músicos freqüentadores da igreja. Alguns dos cantores e corais optam por acompanhamento em *playback*.

Nessa pesquisa não me detive somente a observar as aulas, mas também participei de ensaios e apresentações da orquestra da igreja.

A orquestra, hoje formada por trinta e dois músicos freqüentadores da Igreja Assembleia de Deus de Porto Alegre, existe há quatro anos e é composta pelos seguintes instrumentos: violino, viola, flauta transversal, clarinete, saxofone alto, soprano e tenor, trompete, trompa, trombone, bombardino, tuba, além de contrabaixo elétrico, teclado e bateria.

Ao participarem das aulas de música, muitos alunos acabam ingressando na orquestra, sendo este o objetivo, não só dos mesmos, como também dos professores.

No ano de 2012, devido a uma reforma na *Igreja*, os ensaios da orquestra ocorreram quinzenalmente, contando também com uma apresentação mensal, durante o culto de domingo à noite, além de apresentações em alguns eventos da *Igreja*.

1.2 As aulas de música na *Igreja*

As aulas de música na *Igreja* em que pesquisei acontecem semanalmente, quartas à noite e sábados pela manhã, com aulas práticas e teóricas, com cerca de vinte alunos. Aos domingos pela manhã o foco é o ensino de flauta doce para crianças, onde participam doze alunos.

Nas aulas de quarta à noite e sábados pela manhã, o ensino é dedicado ao aprendizado da leitura musical, quando é ensinado pelo professor toda teoria musical, especialmente leitura e solfejo de partituras musicais. Este ensino objetiva em dar suporte teórico aos futuros cantores e instrumentistas na igreja.

O ensino de teoria e solfejo é coletivo, porém as lições, principalmente as de solfejo, são repassadas individualmente no período da aula.



Apesar de frequentar eventualmente esta igreja, não conhecia o ambiente das aulas. Como descrevi em meu primeiro diário de campo, as aulas de música ocorrem em salas amplas, iluminadas, com quadro, mesa para o professor, enfim, com toda infraestrutura adequada para uma aula de música, algo que para mim é de suma importância para o aprendizado musical de um aluno. Embora muitos lugares de ensino da música não possuam uma situação financeira e preocupação para a melhoria do ambiente, nessa *Igreja* percebemos o valor que se dá ao ensino da

música através do cuidado com o local das aulas para seus frequentadores.

É cobrado um valor simbólico e espontâneo de R\$ 20,00 por mês. Este valor é revertido para a orquestra da igreja, para a manutenção de instrumentos e compra de materiais. Porém, não é obrigatório o pagamento, caso o aluno não tenha condições para pagar este valor, ele participa igualmente das aulas sem problema algum.

Perguntei para o professor Davi Coelho da Rosa, que coordena as aulas de música na *Igreja*, se existem testes para ingresso de alunos. Ele respondeu que não

Na verdade isso era anunciado nas reuniões. Nos cultos, a gente anunciava isso e as pessoas vinham e me procuravam. Ali eu mesmo já faço uma avaliação na hora, assim, da pessoa. Faço alguns testes. Se a pessoa consegue cantar, se a pessoa tem ritmo. Então eu mesmo ali já começo [a] ter um conhecimento daqueles que podem prosseguir, que têm condições, que têm musicalidade. Mas, a princípio, não tem teste pra entrar. Assim, todos eles vêm e aí naturalmente, aqueles que não conseguem acompanhar, eles vão saindo, e ficam aqueles que estão, que conseguem, aqueles que têm um... como é que eu vou dizer? Uma boa percepção, já tem assim, um ouvido musical mais apurado. Esses continuam naturalmente, aqueles que não conseguem, já vão saindo (Professor Davi, entrevista em 15/11/2012).

A fala do professor Davi explicita que, apesar de não haver testes, ele faz sim, avaliações preliminares, onde detecta os pontos de fragilidade do aluno, os quais devem ser melhor trabalhados por ele durante as aulas. O professor não exclui nenhum aluno *a priori*. Com o decorrer das aulas, o estudante muitas vezes acaba por perceber sua própria dificuldade ao não conseguir avançar nas lições e ficar em defasagem diante do grupo havendo, na maioria das vezes, um desligamento voluntário das aulas por este aluno.

Uma questão que vale destacar é que nestas aulas existe uma diversidade de idades e de tempo que cada aluno frequenta as aulas. Mesmo as aulas tendo iniciado em junho de 2012, em outubro do mesmo ano, ainda era possível agregar mais alunos às aulas de música, o que para os estudantes não parecia interferir nas suas aprendizagens, pois o professor conduzia as aulas de forma que conseguia dar atenção para todos.

Em relação à diversidade na idade dos alunos, o professor relata que

Na verdade tu tem que estar sempre preparado para, tipo assim... É, às vezes, tu tem que improvisar. Tu tem sempre que saber trabalhar aula, alcançar a todos. Tu não pode deixar de dar atenção pra nenhum ali. Então, tem as crianças que eu tenho que trabalhar de

uma forma rápida [...]. Tem que cuidar muito o tempo também, não perdendo muito tempo com um. Tem que dividir bem o tempo, mas tem que ser assim, às vezes, tu tem que improvisar na hora, tu tem que criar ali uma forma de ensinar. Passar pra eles [adultos] e pra criança é diferente. Pro adulto é bem diferente também outra forma. Os adultos é mais simples essa questão porque tem toda a questão do comportamento também, que a criança dispersa muito rápido. Mas eu tento levar com todos assim, dividindo bem o tempo e tentando às vezes improvisar na hora, criar situação pra tentar explicar algo que eu quero passar pra eles, tentar usar [um] exemplo infantil algo na linguagem deles (Professor Davi, entrevista em 15/11/2012).

Também foi possível observar a abertura que a *Igreja* dá para os não freqüentadores, ou seja, as aulas também são oferecidas para pessoas da comunidade, que ficam sabendo por meio de divulgação ou até mesmo pelos próprios membros da igreja e que são agregados aos demais alunos sem problema algum. Para o professor Davi “as pessoas se interessam e vêm. Então é pra todos, todos podem aprender música na igreja” (Professor Davi, entrevista 15/11/2012).

Ainda em relação às aulas de música para a comunidade a autora Martinoff, já relatava esse fato.

As igrejas protestantes, em função da valorização da música em seus cultos, enfatizam a educação musical, ainda que informalmente. Muitas igrejas evangélicas possuem uma escola de música, que atende não somente aos seus congregados em várias faixas etárias, mas também pessoas da comunidade (MARTINOFF, 2010, p. 68).

1.3 O Projeto Flauta Doce

Diário de campo, domingo, 26 de agosto de 2012.

Hoje participei da aula de música para as crianças. Trata-se de uma aula de flauta doce e acontece todos os domingos, depois da Escola Bíblica Dominical, às 10h30min da manhã.

As flautas doces são emprestadas para as crianças algo que, na minha opinião, é muito importante: o fato delas terem este instrumento em casa e não resumir o contato com o instrumento apenas ao momento das aulas.

Bem, são 9h10min de domingo, cheguei cedo, então vou participar da Escola Bíblica Dominical.

O dia está muito frio e chuvoso, não sei se teremos muitos alunos para eu realizar minha observação. A Escola Dominical estava com um bom público para esta manhã.

Inicialmente cantamos um louvor e logo em seguida um hino da Harpa Cristã. Havia um irmão tocando piano e outro acordeon.

A escola funciona da seguinte forma: são várias classes (grupos) - a dos jovens, dos adolescentes, dos adultos e das crianças. Às 9h40min dividiu-se as classes, cada um foi com seu professor e eu fiquei na classe dos adultos.

Às 10h40min as crianças retornaram de sua sala e com isso fomos para a aula de música, uma sala que integra o salão da igreja. Fiquei fascinada com o ambiente. Parecida com a sala de aula de quarta-feira, esta também é bem iluminada, ampla, com fotos muito antigas dos membros e pastores da igreja, um quadro branco, um quadro negro com pauta musical, uma mesa para o professor e, claro, cadeiras com a mesa integrada.

Nesta aula, além do professor de música (o mesmo de quarta-feira), participa também sua esposa, uma pedagoga que o auxilia com as crianças.

Nesta manhã compareceram 6 crianças, mas o número total são 19. O professor iniciou com uma revisão de conteúdos. Sua esposa já tinha escrito no quadro uma pequena melodia, com as figuras musicais e o nome de cada nota embaixo.

Desde que chegaram na sala, alguns alunos já entraram tocando: era o tema da Nona Sinfonia de Beethoven.

Primeiro o professor fez uma revisão com todos juntos lendo as notas musicais; em seguida, um por vez. As crianças identificaram corretamente as notas no pentagrama. Estavam muito interessados. Não sentaram, ficando em pé, bem próximas ao professor. Isto me chamou muito a atenção: havia cadeiras, mas o envolvimento era tão grande que durante toda a aula ficaram muito próximos do quadro e do professor.

Depois que cada um fez a leitura da escala de dó maior individualmente, começaram a tocar por conta sua flauta.

O professor pediu silêncio para juntos tocarem a melodia, que tem o nome de "Aleluia". Tocaram muito bem, todos juntos e, em seguida, tocaram individualmente.

Apenas um aluno encontrou dificuldades para tocar e então a professora perguntou se alguém queria tocar junto com ele. Houve muitos candidatos. O

professor conversou com ele e explicou que é assim mesmo e pediu que tocasse novamente na próxima semana. O menino ficou muito triste por não conseguir tocar e chorou. Os demais pareciam solidários, em nenhum momento houve brincadeiras que pudessem entristecer o colega, pareciam torcer pelo amigo.

A professora me contou que ele iniciou as aulas com os demais, porém, não queria participar. Ele ficou algumas aulas sem ir, mas percebendo que os colegas estão tocando, ele retornou, e claro, os outros estão mais adiantados.

Enquanto um aluno tocava sozinho lá na frente, os demais sentaram em silêncio, o que me chamou a atenção, pois é difícil ver tamanha concentração entre crianças enquanto apenas um colega está tocando.

Ao final todos, de novo, bem próximos do quadro e do professor, tocaram novamente a música.

Quero destacar que destes dezenove alunos de flauta, três estão na aula de violino também realizadas na igreja. Um dos alunos, quando ingressou na aula de flauta doce, já estava tendo aula de violino. Os demais começaram há uma semana.

Um projeto que é novo na igreja e que iniciou em junho de 2012, é o ensino de flauta doce, contando hoje com doze crianças, com seis, sete, oito e nove anos de idade.

Quando este projeto foi montado, o Pastor da *Igreja* comprou 20 flautas e realizou, então, uma reunião com os pais das crianças, quando foi assinado um termo de compromisso por cada um deles e as flautas foram emprestadas para as crianças. Destes doze alunos, três já estão tendo aulas de violino. Estes alunos que estão participando das aulas de violino, também freqüentam as aulas teóricas nas quartas à noite ou nos sábados pela manhã.

O trabalho de musicalização e o ensino de flauta doce acontecem aos domingos na igreja, com aulas com cerca de uma hora de duração.

Este ensino visa oferecer aos pequenos alunos e à congregação, a formação de um grupo de flautas doces para apresentar-se na *Igreja* e, futuramente, encaminhar esses alunos para outro instrumento (pertencente à orquestra sinfônica) visando a entrada destes alunos na orquestra que, segundo o professor Davi, é o desejo do pastor da *Igreja*, oferecer esta oportunidade para as crianças, visando a formação de futuros instrumentistas. Em relação ao estudo da flauta doce, as

autoras Cuervo e Pedrini afirmam que “utilizar a flauta doce como uma das possibilidades no ensino de música é abrir caminhos de exploração e criação, quebrar pré-conceitos, valorizar as preferências musicais dos alunos, sem deixar de ampliá-las” (CUERVO; PEDRINI, 2010, p. 53). Neste sentido destaco a importância da inserção deste instrumento musical para as crianças neste projeto.

A música no âmbito infantil é muito importante, devido a todos os benefícios que ela proporciona a cada criança, não só na infância como também na vida adulta. Como descreve Leda Mársico, os psicólogos da música são unânimes em afirmar que crianças expostas a um ambiente auditivo e musicalmente rico durante os primeiros meses de vida desenvolvem-se mais rapidamente do que aquelas que não têm um ambiente favorável nesse particular (MÁRSICO, 2003, p. 19). Ao longo da infância, esse contato com a música amplia essas primeiras experiências.

Para o professor Davi

as crianças na igreja, elas já são muito musicais porque elas participam dos cultos, estão sempre junto com os pais. Então a igreja tem muita música, muitos hinos, muito louvor. Então eles tão sempre participando, eles já vêm preparados musicalmente. A questão [é mesmo] de trabalhar os instrumentos, a teoria, ensinar [para] eles. O trabalho já não é tão dificultoso (Professor Davi, entrevista em 15/11/2012).

O ensino de música para os pequenos alunos tem como foco a musicalização e o ensino da flauta doce, que por meio do ensino inicial com partituras não-convencionais tem agregado, de uma forma muito positiva, todos os alunos.

Ao aprenderem a posição da nota na flauta doce, o aluno identifica a mesma na pauta musical. É apresentado pelo professor Davi toda teoria inicial para os pequenos. A leitura da escala de dó maior foi a que eu presenciei. Mas todo o ensino é de forma cautelosa para que os alunos consigam acompanhar o grupo, já que as aulas agregam eventualmente novos alunos, e esta prática beneficia não só o trabalho do ensino de flauta doce, como a integração entre aluno e instrumento.

Depois de feita a leitura da escala de dó maior de forma ascendente e descendente, a posição das notas no pentagrama e sua figura musical, o professor escrevia um cântico no quadro e acima colocava o nome das notas. Cantavam juntos professor e alunos, para conhecerem melhor a melodia e ritmo, depois repetiam dizendo o nome das notas e a seguir tocavam na flauta. O canto é utilizado como forma de internalização da melodia e do ritmo dos hinos, sempre antecedendo

o tocar propriamente dito. Desta forma “introduzir as notas musicais através do canto e do desenho permite a relação entre o que se fala, o que se vê e o que se escuta” (PONSO, 2008, p. 49).

Destaco que nem sempre esta era a ordem dos ensinamentos, pois alguns cânticos tocados durante a minha observação já eram conhecidos dos alunos, quando então eventualmente, não se fazia necessária tal seqüência metodológica.

Esta leitura não-convencional, vem a ser utilizada na iniciação musical chamada notação musical analógica, que “constitui um recurso facilitador da criação, da *performance*, da escuta, da análise e da compreensão musicais” ou seja, “a *notação musical analógica*, como o nome indica, baseia-se na analogia entre propriedades do campo auditivo e do visual” (FRANÇA, 2010, p. 9, 11). Também é utilizado o termo partitura analógica⁵.

Outra técnica utilizada pelo professor Davi, são os exercícios de eco. O professor tocava algumas notas na flauta doce e a seguir era proposto que o aluno o imitasse. O professor tocava uma vez e os alunos repetiam em seguida.

Com relação aos exercícios de eco temos questões apresentadas por Fonterrada (2005) sobre a abordagem de Orff, na qual o autor afirma que

A prática da improvisação tem um papel importante em sua proposta pedagógica [de Orff] e está presente desde os primeiros estágios, até chegar à sua forma madura, em estágios superiores de desenvolvimento. Dentro da proposta, assumem importante papel as atividades de eco (repetir o que se ouviu) e pergunta e resposta (improvisar um segmento musical depois de ouvido um estímulo) (FONTERRADA, 2005, p. 147-148).

Lembrando que a partitura tradicional é ensinada, mas é algo colocado aos poucos para os alunos pois, “falar de escrita musical convencional na sala de aula não significa esperar da criança o entendimento de todos os aspectos que regem essa forma da notação” (PONSO, 2008, p. 49) e como descrito anteriormente, a turma recebe novos alunos no decorrer do projeto e este processo favorece o entrosamento dos mesmos com a futura leitura de uma partitura convencional.

Outra observação realizada por mim durante a pesquisa, foi que, durante o ensino da flauta doce os alunos não se limitavam a ficar sentados em seus lugares.

⁵ Estou me referindo com a expressão “partitura analógica” à escrita verbal das notas, sem uso da partitura tradicional. Os ritmos são incorporados adiante com base no conhecimento oral dos hinos.

Assim que o professor escrevia no quadro as notas e/ ou a letra de algum hino, logo as crianças se levantavam e iam para perto dele.



Em alguns momentos, o ensino era dedicado a pequenos grupos de crianças, o que não era motivo para descontração dos demais que, mesmo sentados, prestavam atenção ao que o professor explicava aos colegas e ficavam treinando a posição das notas no instrumento.

Durante as aulas de domingo, assim como nas aulas de quartas e sábados,

também havia a questão da inserção de novos alunos no meio do andamento projeto. Não havia nenhum problema quanto a isso. Tanto os alunos presentes desde o início do trabalho como os que chegavam durante o semestre conseguiam ajustar-se às aulas. A atenção e a dinâmica dada pelo professor abarcava a todos, sem distinção.

Os alunos demonstravam muita atenção aos que chegavam. Alguns, inclusive, se disponibilizavam a ensinar o que sabiam aos colegas novos. De forma semelhante ao que observou Prass no contexto de uma bateria de escola de samba, “quem sabe ensina para quem não sabe, ainda que seu saber não seja comparável ao de um mestre ou ensaiador...” (PRASS, 2004, p. 171). Neste sentido, vemos o valor deste momento durante a aula.



Em uma das aulas de flauta doce, uma aluna perguntou se iriam aprender outros instrumentos, pois ela queria o violão. Neste momento surgiu um grande burburinho, os demais começaram a dizer o instrumento que queriam tocar futuramente e o violão era o mais pedido. Percebi que para as crianças a flauta é apenas um começo, combinando com a ideia dos professores, apenas uma introdução para a aprendizagem de outros instrumentos.



Tive o prazer de participar com o público, da primeira apresentação do grupo de flautas doces. Foi no dia vinte e cinco de novembro de 2012. Mesmo já tendo concluído as observações, fui convidada para este momento, tão importante na vida dos professores, das crianças e de seus familiares.

A expectativa e a ansiedade que as crianças demonstraram no momento em que antecedia a apresentação, e a concentração durante a mesma, foi emocionante. Os pais e envolvidos também não escondiam a emoção. Afinal, iniciar um trabalho musical com crianças é dar a elas uma abertura para um futuro musical consistente, dar uma oportunidade que, para muitos, às vezes, é única, ainda mais sendo em um ambiente coletivo.

Para as autoras Pacheco e Rezende, o ensino coletivo de música visa “propiciar condições à socialização, despertando valores sociais, estéticos e morais oportunizar a prática instrumental em conjunto e intensificar o interesse e envolvimento dos alunos e familiares com a música e com a escola” (PACHECO; REZENDE, 2004, p. 4).

Ainda em relação ao tema do fazer musical nestas aulas, ressalto questões defendidas por Koellreutter que segundo Brito,

jamais considerou a educação musical apenas um meio para a aquisição de técnicas e procedimentos necessários à realização musical. Sua abordagem privilegia e valoriza a importância e o porquê da música (e da arte) na vida humana, lembrando o fato de que cada sociedade, com suas características e necessidades típicas, condiciona um tipo de arte (BRITO, 2001, p. 40).

Neste sentido, fortaleço a opinião de que nossos ensinamentos musicais são mais do que ensinar, qualificar ou formar futuros músicos para a *igreja* ou novos profissionais para o mercado de trabalho, mas sim, usufruindo deste processo, temos “a música e a musicalização como elementos contribuintes para o desenvolvimento da inteligência e integração do ser” ou seja, “a musicalização pode contribuir com a aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento cognitivo/lingüístico, psicomotor e sócio-afetivo da criança” (CHIARELLI; BARRETO, 2005, p. 1).

Capítulo 2 - O ensino e a aprendizagem musical na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Porto Alegre

Neste capítulo compartilho algumas descrições de como percebi o aprendizado musical de alguns alunos a partir das aulas que observei, bem como, seus interesses iniciais, suas realizações profissionais e ambições musicais dentro da *igreja*.

Na maioria dos casos, algo que começou como um desejo de tocar um instrumento durante os cultos em suas congregações, e até mesmo na orquestra ou banda de sua igreja, acabou resultando de modo natural, em profissionalismo, atingindo músicos que hoje atuam em orquestras estáveis pelo estado.

Descrevo estes fatos a partir de recortes das transcrições de pessoas, que tiveram ou estão tendo seu aprendizado de música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Porto Alegre.

2.1. Estudar música: para muitos adultos, um sonho de criança

Ao perguntar para dois dos cinco entrevistados, sobre o porquê da vontade em aprender música, deparei-me com pessoas hoje adultas que estão realizando um sonho de criança. Vera, hoje com sessenta e três anos, comenta este desejo.

Porque é um sonho de criança. Eu cantava com Elis Regina no Clube do Guri e tirei o segundo lugar em música [em canto]. Então é um sonho que eu estou realizando com sessenta e três anos de idade (Vera, entrevista 20/10/2012).

A senhora Vera compartilhou a informação esclarecendo que o primeiro lugar deste concurso ficou com Elis Regina.

O espaço e a atenção que a igreja, professores e colegas oferecem para estas pessoas, é muito favorável, o que facilita a integração do adulto nas aulas de música. A dinâmica e a forma conduzida pelo professor Davi, nos transmite este cuidado com o aluno adulto, proporcionando momentos de criação musical, na qual envolve este aluno de uma forma geral e expressiva.

Ronald, 31 anos, também aluno das aulas de música na igreja, expressa este sentimento.

Ah, esse é um desejo meu desde pequeno, desde criança. Sempre tive essa vontade de aprender a música pra também colaborar na obra de Deus, na obra do Senhor, na igreja. É uma coisa particular minha. Sempre tive esse desejo. A música é uma coisa muito bonita, linda, eu acho que o som dela transmite sentimentos, a gente consegue demonstrar várias coisas através dos sons da música, enfim (Ronald, 20/10/2012).

Ambos entrevistados, Vera e Ronald, não pensam em seguir a carreira profissional. Vera diz que atuava antes como massagista e esteticista, mas hoje se encontra “encostada” devido a um problema de saúde. Enfatiza que a princípio não pretende se profissionalizar, mas “deixa nas mãos de Deus”. Ronald, que tem sua formação e pós-graduação na área de Sistemas, destaca que “não, profissional não. Seria mais pra trabalhar aqui na igreja e como hobby pessoal” (Ronald, entrevista 20/10/2012).

Quando entrou para a aula de música em setembro de 2012, Vera queria tocar triângulo e passadas algumas aulas, ela optou pelo teclado. Ronald, desde junho de 2012 nas aulas, hoje concilia o clarinete com a teoria musical, tendo aulas com o professor Davi, que também é clarinetista. Hoje seu objetivo é o de poder tocar na orquestra e também colaborar na obra da igreja. Em relação à escolha do clarinete, Ronald comenta que “é um instrumento que eu mais me identifiquei e também pelas partituras estarem escritas na clave de sol, que é a mesma clave do acordeon que eu já tinha uma noção anterior de leitura”.

E quanto à importância deste ensino na igreja? Para Vera “é uma evolução. A gente precisa saber as coisas para fazer melhor pro Senhor. Se tu não sabe, tu não faz certo, tu não toca, tu não canta, tu não louva. Agora se tu aprender, vai ser melhor pra o Senhor, tu vai fazer o trabalho melhor pro Senhor” (Vera, entrevista 20/10/2012).

Este aspecto citado por Vera, é algo muito importante para todos os entrevistados. Louvar a Deus, dedicar-se a fazer um bom trabalho musical na igreja. Não deixar de oferecer o que há de melhor para Deus, é algo presente nas motivações dos membros da congregação.

Para Ronald,

a importância é possibilitar pra muitas pessoas que, muitas vezes, não teriam uma possibilidade fora da igreja de ter acesso a bons professores, conseguir então ter esse aprendizado. Eu conheço pessoas que tinham vontade de aprender música, mas não tinham

condições de comprar um instrumento, fazer aulas particulares fora da igreja, principalmente devido ao custo das aulas. Então essas aulas que são oferecidas aqui na igreja é um preço simbólico, pra gente dizer um preço bem acessível, e tem também essa questão de serem irmãos, pessoas próximas da gente, que estão compartilhando os conhecimentos. Então acho que estes dois pontos são os mais importantes (Ronald, entrevista 20/10/2012).

Na fala acima, do aluno Ronald, ele expressa constatações quanto ao fato da Igreja proporcionar um ensino de qualidade, com bons professores e por um valor acessível.

Outra questão relevante nestas entrevistas é o reconhecimento destes alunos em poder ter aulas com professores qualificados, pessoas comprometidas com este ensino musical quase que gratuito dentro da igreja. Neste caso Veras, Medeiros e Mattos afirmam que

Para desenvolver essas atividades musicais, as igrejas necessitam de pessoas dispostas a se habilitarem como regentes, pianistas ou simplesmente estudantes na área de música. As igrejas têm buscado manter pessoas preparadas musicalmente para liderar as atividades musicais. Algumas passaram a dar a esse líder da área de música, responsável pela condução e execução das atividades musicais eclesiais, o título de “ministro de música” ou “ministro de louvor”, especialmente àqueles que, sempre vem buscando um aprimoramento e interesse na formação em educação musical (VERAS; MEDEIROS; MATTOS, 2011, p. 1).

As possibilidades encontradas no ensino da música na igreja são muito relevantes para os que buscam este conhecimento. Para Ronald, a expectativa também é um fator que demonstra o entusiasmo no decorrer do processo do aprendizado, prático e teórico da música. Para ele “as expectativas são poder ter um aproveitamento ótimo, aprender tudo o que for possível de teoria musical e depois conseguir aplicar isso no meu instrumento” (Ronald, entrevista 20/10/12).

2.2. Motivações dos alunos e ex-alunos ao ingressarem nas aulas de música na Igreja

Muitos alunos, ao entrarem para as aulas de música na Assembleia de Deus, se dedicam ao aprendizado musical para poder tocar nos cultos e na orquestra da Igreja. Ronald, por exemplo, revelou anteriormente seu desejo de tocar na orquestra.

Ao transcrever as entrevistas, percebi que este era o desejo inicial de quatro dos cinco entrevistados e também, como descrito por um deles, o de ter uma função

na igreja, função esta que descreve o desejo de aplicar o que se aprendeu nas aulas de música não apenas tocando na orquestra, mas também participando dos cultos, realizando acompanhamentos de hinos em geral.

O ensino musical na igreja, forma muitos músicos, que hoje atuantes, continuam a exercer seus trabalhos como instrumentistas e cantores dentro da congregação.

Geralmente ao entrar para uma aula de música no âmbito evangélico, o aluno iniciante se preocupa com seu aprendizado cujo objetivo é adorar a Deus, tocando na orquestra e nos cultos. Este foi o caminho inicial para três entrevistados.

O ensino da música na igreja, faz com que os alunos tenham um maior envolvimento com sua congregação. Por vezes cantando em corais ou grupos de louvor, por outra, tocando nos cultos e na orquestra, este grande envolvimento faz com que o aprendizado musical tenha um objetivo inicial comum para todos os alunos. Segundo os entrevistados, o principal objetivo de participar das aulas de música é poder tocar nos cultos e na orquestra da igreja.

Elimar clarinetista, hoje músico profissional, relata que:

Meu primeiro objetivo ao entrar na aula de música da igreja foi poder tocar nos cultos e tocar na Orquestra da Igreja. A Igreja Assembleia de Deus de Viamão tem ainda uma orquestra e meu objetivo era poder ingressar nessa orquestra (Elimar, entrevista 29/10/2012).

Para Davi, hoje também músico profissional e professor de música da referida igreja, seu objetivo inicial era

primeiramente, eu comecei a aprender música para tocar na igreja e depois eu vi que poderia trabalhar com isso, e aí surgiram oportunidades nas orquestras e eu comecei a trabalhar como músico profissional (Davi, entrevista 15/11/2012).

Para os atuais alunos da *igreja* este aspecto, de aprender música para atuar na igreja é muito importante. Filipe, que hoje tem dezenove anos e toca na Orquestra de Sopros Eintracht, de Campo Bom e teve sua iniciação musical na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Viamão, destaca que

pela primeira vez, foi como a grande maioria, que era assim ter uma função dentro da igreja sabe, como adorar a Deus. Mas depois quando eu comecei a ter um maior contato com os outros músicos que já trabalhavam com a música fora da

igreja, daí eu comecei a ver e querer buscar este trabalho, lidar com música, sabe? Muitos me falaram que era difícil, mas tô estudando bastante (Filipe, entrevista 15/11/2012).

Diante destas entrevistas, vimos o papel importante do ensino da música na igreja. Ao serem questionados, sobre o objetivo de aprender música, todos os entrevistados responderam que o foco era o louvor e a adoração a Deus. No caso dos três que hoje vivem da música, fruto do trabalho realizado pela igreja evangélica, o futuro profissional foi algo pensado somente anos mais tarde, já que o objetivo inicial era o de tocar nos cultos e na orquestra da igreja.

Para o professor e maestro Davi, o ensino musical na igreja

é algo muito importante, porque assim como eu comecei ali na igreja e isso hoje é a minha profissão, eu acho que eu tenho esse dever também de ensinar outros, de formar outros, e também porque eu me preocupo com a música dentro da igreja, com a qualidade musical. Eu acho que nós devemos ter assim, dentro da igreja, o melhor, então eu me preocupo com isso. A minha preocupação é sempre essa: de estar formando alunos estar sempre preparando para melhorar o ensino, melhorar a qualidade da música dentro da nossa igreja (Professor Davi, entrevista em 15/11/2012).

Em relação à qualidade musical dentro da igreja, a preocupação do professor Davi é oferecer um ensino qualificado aos seus alunos, devolvendo à igreja alunos bem preparados para o trabalho musical que é bastante amplo.

A partir desta fala do professor, percebemos o quanto a música é valorizada no contexto da igreja evangélica.

Um ponto observado durante as entrevistas é a constatação dos professores de que, ao preparar um aluno para o exercício da música na igreja podem, de alguma forma, estar influenciando, mesmo que indiretamente, na formação profissional de seus alunos, abrindo para os mesmos uma perspectiva de um futuro profissional na área.

Capítulo 3 - Trajetórias de músicos profissionais advindos das aulas de música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus

Neste capítulo apresento um pouco mais sobre a trajetória de ex-alunos, hoje músicos profissionais, que iniciaram suas carreiras com aulas de música na Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Músicos profissionais atuantes na grande Porto Alegre, Davi Coelho, Elimar Blazina e Filipe Ramos, me falaram um pouco de suas trajetórias, dificuldades, superações e resultados musicais na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, e o caminho percorrido até a profissionalização.

3.1. O caminho percorrido e a profissionalização

Elimar Blazina, músico profissional, teve sua base musical inicial na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Viamão. Sobre sua trajetória musical na igreja, Elimar relata que

Comecei estudando na igreja. Consegui entrar para a orquestra da igreja. Fui o terceiro clarinete, depois o segundo, até chegar a primeiro clarinete. Aí, depois entrei na escola de música da OSPA, Conservatório da OSPA e pude lá estudar, me aperfeiçoar mais com outros bons professores. Também e consegui passar no concurso da Banda Municipal de Porto Alegre. Foi o primeiro concurso que eu fiz para um grupo profissional. Pude também participar do concurso jovem solista da OSPA, fui vencedor, pude tocar com a orquestra. Fiz cachê com a OSPA. Todas essas coisas que no, começo, não era o meu principal objetivo, ser um músico profissional. Mas as coisas foram acontecendo e hoje toco na Banda Municipal de Porto Alegre, toco na Orquestra Filarmônica da PUCRS, tudo com o início na igreja (Elimar, entrevista 29/10/2012).

O local de suas aulas “era no porão da igreja. Não era um local específico para música. Era um local onde acontecia a *Escola Dominical*, onde aconteciam outros tipos de aulas, mas era um espaço bom para se ter aula de música” (Elimar, entrevista 29/10/2012).

A *Escola Bíblica Dominical* é um momento de ensino bíblico que, como o nome diz, acontece aos domingos, geralmente pela manhã. É destinada a todas as faixas etárias e divididas em classes: crianças, jovens e adultos, quando então o

respectivo professor estuda uma lição pré-programada, escrita em uma revista de circulação nacional utilizada pela Assembleia de Deus, e seus tópicos e ensinamentos são explicados e debatidos entre professores e alunos. A Escola Dominical inicia com todos os alunos juntos, para um momento de integração: oração, cânticos e leituras da Bíblia; após os alunos seguem com seus professores, cada um para sua sala.

Também sobre seu aprendizado musical na igreja, Davi compartilha um pouco da sua trajetória musical ao longo destes anos.

Bom, depois da igreja, ali estudando, eu senti que precisava aprender mais, crescer mais. E aí eu busquei a escola da OSPA que era o tempo em que ela estava bem forte. Eu tive ali um estudo profundo. Pra mim foi muito importante, me deu uma base muito boa. Então eu tive aula com a professora Vera de Los Santos e [com] a Lúcia Teixeira que são as professoras de teoria [...] Pra mim foi muito bom aqueles quatro anos. Foram quatro anos, mas que eu aprendi muito. Então ali, eu comecei a estudar fagote com o professor Adolfo [Almeida Jr.], que na minha trajetória musical também me ajudou muito. E procurei sempre outros professores, procurei professores de clarinete também. Na universidade tinha o professor Augusto [Maurer], o Marcelo Piraino. Também, procurei outros professores, o Diego Grendene. Então eu fui sempre buscando outros professores e além da escola da OSPA, eu agora tô cursando a Universidade, a UFRGS, Regência Coral, que eu passei no vestibular e tô encerrando o curso na UFRGS. Mas pretendo continuar (Professor Davi, entrevista 15/11/2012).

Filipe, o mais novo dos entrevistados, hoje com dezenove anos, também teve o início de sua trajetória como aluno das aulas de música na igreja e hoje já atua como músico profissional.

Bem, como eu vou dizer, minha trajetória, de início assim dentro da igreja [aos treze anos de idade], foi tocando nos cultos, depois indo pros corais. Depois tinha um grupo, assim, dentro da igreja, que era muito bom. Depois eu fui pra orquestra. Na orquestra que eu descobri que tinha os outros músicos que eram profissionais. Aí eu fui estudando. Aí depois eu comecei com os contatos deles assim, comecei a trabalhar, consegui alguns cachês com orquestras profissionais, nada vinculado com a igreja. Aí fui indo assim, tipo, mas sempre estudando, mantendo disciplina nos estudos, sempre tentar ter uma rotina sabe, de estudos, todos os dias. Mas pra esse lado profissional a trabalhar é um pouco complicado, porque é bastante gente e poucas vagas, sabe? Mas hoje, atualmente, tô conseguindo trabalhar no mercado profissional em outras orquestras. (Filipe, entrevista 15/11/2012).

As trajetórias individuais relatadas por estes músicos, nos mostram o quanto a influência musical da igreja pode vir a agregar a estes membros uma oportunidade de trabalho. Hoje músicos profissionais, eles têm uma admiração por este ensino evangélico. Tanto que Davi e Elimar hoje são encarregados de departamentos musicais em suas igrejas.

Elimar, hoje como responsável pelo departamento da música em seu distrito, no Bairro Partenon, regendo coral misto a quatro vozes, coral infantil e ministrando aulas de música, nos fala um pouco de como eram suas aulas.

As aulas de música eram aulas semanais. Eram aulas individuais e em forma de *masterclass*. Chegavam os alunos no mesmo horário e o professor ia chamando um por um e tomando a lição, tanto do solfejo quanto do instrumento por ordem de chegada. Mas todos podiam assistir às aulas dos outros [alunos]. Começava com uma teoria muito básica e depois solfejo e, em uma terceira etapa, o aprendizado do instrumento propriamente dito, com aulas semanais até atingir todas essas etapas. Era assim: atingir um bom nível em cada uma delas, teoria, no solfejo e no instrumento a aí avançando. Teoria: aplicava-se a teoria e na outra semana era cobrado, feito, tipo uma prova oral, e aí, se aprovado, passava para o solfejo. Semanalmente ia avançando nas lições do solfejo até chegar a uma lição determinada pelo professor em que se pegava o instrumento, e depois com o instrumento também com aulas semanais, utilizando método e um professor para cada instrumento. E depois de um ponto determinado podia se ingressar na orquestra. As aulas eram totalmente grátis, inclusive o material, xerox e tudo. Era totalmente grátis. Não paguei nada e os instrumentos também eram fornecidos pra quem não podia comprar (Elimar, entrevista 29/10/2012).

Na fala de Elimar, chama a atenção o aspecto da disciplina nas aulas e o investimento da igreja nos alunos, oferecendo ensino gratuito de qualidade.

Quanto à formação de seu professor de instrumento, Elimar comenta: “acho que meu professor não tinha uma formação acadêmica, mas tinha uma formação mais prática de bandas militares. Tocou inclusive na própria Banda Municipal [Porto Alegre]. Teve uma formação parecida com essa minha: começou na igreja, foi estudando com músicos militares também” (Elimar, entrevista 29/10/2012).

Davi é o responsável geral pela música em todos os distritos da cidade de Porto Alegre, onde é regente da orquestra, professor do projeto Flauta Doce e professor de teoria e prática de instrumento na Igreja Matriz onde, até o presente momento, se concentram estes projetos.

Elimar e Davi tiveram suas primeiras aulas de música na Igreja há cerca de dezessete anos, mas tudo o que foi ensinado há anos para eles ainda é guardado até hoje com muito carinho.

3. 2 As dificuldades

Quando iniciei esta pesquisa, eu queria saber além do caminho percorrido por estes músicos que começaram na igreja, se encontraram dificuldades em sua trajetória musical e quais foram elas.

Seus relatos demonstram que uma das dificuldades encontradas foi quanto aos instrumentos musicais. Os músicos, logo no início da aprendizagem de seus instrumentos, não possuíam os mesmos, eram emprestados pela *igreja*, uma prática das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus: emprestar instrumentos para os alunos que, em determinado momento, não os possuem ou não têm condições financeiras de adquiri-los. Este é um aspecto importante, pois o aluno que não tem condição de adquirir seu instrumento tem a oportunidade de receber o mesmo e iniciar seu aprendizado.

Embora tivessem aulas com bons professores, esta foi uma dificuldade a ser superada no processo da aprendizagem. Neste caso, Elimar, relatou esta dificuldade no início do seu aprendizado musical na igreja.

O primeiro instrumento [que usei] era bem simples e bem antigo. Dava para tocar mas tinha algumas limitações. E depois, conforme ia liberando instrumentos melhores, a gente podia ir tendo acesso e nosso instrumento [anterior] ficava para outro aluno. E até que daí, do meu terceiro instrumento, daí sim foi um instrumento que eu comprei (Elimar, entrevista 29/10/2012).

Vai nessa direção o relato de Filipe:

Bem, eu toco clarinete. Eu comecei com o clarinete da igreja, que eles me emprestaram a fim de eu tocar dentro da igreja. Aí eu, com o passar do tempo, eu vim juntando dinheiro. Aí eu vi que queria comprar o instrumento melhor, levar mais a sério porque com o instrumento da igreja, eles são pro aprendizado, entende? Não é algo que seja pra trabalhar no lado profissional. Aí eu optei por comprar um outro instrumento e deixar aquele clarinete pros próximos alunos (Filipe, entrevista 15/11/2012).

Em outros casos o aluno entra para as aulas de música sem definição inicial de qual instrumento irá tocar e, por vezes, lhe é oferecido, pelo próprio professor, um que esteja disponível, sendo em algumas vezes aceito pelo aluno.

Vimos o caso de Davi, professor da igreja pesquisada, que teve a indicação de seu instrumento realizada por seu professor de música, pois até então não sabia qual instrumento tocar.

O costume da Igreja Assembleia de Deus sempre foi o de adquirir instrumentos musicais, principalmente instrumentos de sopros, para emprestar aos alunos, cuidando também da manutenção periódica dos instrumentos e da compra de materiais de uso contínuo como palhetas, óleos, etc. Na maioria dos casos, os alunos, depois de algum tempo, adquirem seu próprio instrumento, devolvendo o antigo para a igreja, possibilitando assim seu empréstimo a outros alunos. Essa história realmente possibilita que, mais pessoas possam estudar música.

Não há nenhum tipo de seleção para escolha do instrumento musical. Os alunos optam por um que lhes agrade, seguindo ou não a indicação do professor. Em algumas situações ocorre de dois ou mais alunos escolherem um único instrumento que a igreja esteja disponibilizando. Neste caso, o professor dará preferência ao aluno que estiver mais adiantado nas lições do solfejo, sendo isto explicado aos alunos no início das aulas teóricas. Os demais aguardam a liberação de outro instrumento, a compra de um novo, ou procuram adquirir um novo para seu uso pessoal.

Mesmo com esta dificuldade encontrada em adquirir seu próprio instrumento, nenhum dos entrevistados mencionou ser isso algo que os fizessem pensar em desistir. Pelo contrário, hoje profissionais e com uma trajetória tão marcante, dedicam-se da melhor maneira em ensinar a outros alunos em suas igrejas. Vale ressaltar o quão intenso foi e é esta trajetória na vida destes ex-alunos, hoje músicos profissionais, que se dedicam incondicionalmente a formar novos músicos para suas congregações, levando adiante o legado deixado por seus professores de música de anos atrás.

Apesar das grandes oportunidades que estes músicos profissionais encontram no mercado de trabalho, conseguem concilia-los com o trabalho realizado na igreja. Para Favaro “apesar dessas oportunidades [externas] não é difícil

encontrar músicos evangélicos formados em boas escolas que voltam para lecionar nas igrejas onde aprenderam os primeiros acordes” (FAVARO, 2007). Isto é a prova do amor e do valor que cada músico traz em sua trajetória. Toda atenção e dedicação que recebem de seus professores, hoje compartilham com seus alunos e com a comunidade evangélica em geral, e assim como eles provavelmente no futuro, haverá outros alunos que se dedicarão da mesma forma.

Considerações Finais

Ao longo dessa pesquisa me deparei com observações e relatos que dão conta de que este ensino na igreja evangélica não só é tão importante para a formação de novos instrumentistas e cantores para a congregação, como motivação na vida de crianças, adultos, futuros profissionais da música ou não.

Um ensino dedicado e preocupado em oferecer aos seus alunos um local adequado e professores capacitados para o ensino de crianças, jovens e adultos, mantendo viva uma tradição de cem anos, que desde o início teve o louvor como objeto de adoração a Deus adotado desde a fundação das Assembléias de Deus no Brasil.

Vimos também o louvor cantado como um meio de envolvimento dos membros da Assembleia de Deus na congregação, algo que enriquece o trabalho musical abrangendo toda a comunidade evangélica. Segundo a autora Débora Freitas citando Hustad,

toda a pessoa é potencialmente envolvida: o corpo (no cântico), a mente (em entender o que está sendo cantado), as emoções (em sentir o que está cantado), e a vontade (em ser transformada pelo cântico) (HUSTAD apud FREITAS, 2008, p. 14)

Deste modo percebemos que as diversas manifestações e emoções, sentimentos e prazeres que, são características do povo evangélico, demonstradas através do envolvimento com a música em cada igreja. Mesmo que não sejam professores, alunos, ou que não tenham um maior envolvimento com o ensino e a aprendizagem musical, todas as pessoas são participantes ativos desta prática durante os cultos, prática esta que une a todos em um só louvor durante os cantos congregacionais.

A valorização dada ao ensino de música para as crianças com a inserção da flauta doce, sendo este um projeto novo, já está garantindo um reconhecimento por parte de todos os envolvidos, estimulando, envolvendo e fortalecendo o vínculo com a música na igreja, oportunizando um aprendizado que acompanhará cada criança ao longo de sua trajetória musical na igreja e ao longo da vida. Para Prass “é preciso que a aprendizagem adquira significado para as crianças de forma a envolvê-las como agentes principais do processo. A visibilidade acerca do porquê se está aprendendo determinada coisa é vital ao sucesso do aprendizado” (PRASS, 2004, p.

165). Este aspecto importante é também um dos pontos relevantes observado durante as aulas e a apresentação de flauta doce, pois com certeza são elas, as crianças, os “agentes principais do processo”.

O carinho e o amor que cada aluno e ex-aluno têm para com sua congregação, acredito ser o fator que transforma e estimula alunos e professores em levar adiante ensinamentos musicais para serem aplicados durante os cultos e em suas vidas, já que alguns trazem consigo conselhos de seus antigos professores de música.

A trajetória dos músicos que tiveram sua base musical em uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus e que se dedicam hoje a continuar este ensino é notável. Esses músicos não se limitam hoje a apenas exercer a profissão de músicos; mas mantêm o sentimento de devolver para a igreja um pouco do conhecimento adquirido ao longo de suas carreiras. Pois estes profissionais tiveram sim, sua base musical na igreja, mas foram em busca de novos saberes, e hoje aplicam com muita dedicação e muito carinho estes novos saberes a todos os interessados em aprender música na Assembleia de Deus.

Durante o processo dessa pesquisa, ouvi por muitas vezes de todos os entrevistados e envolvidos indiretamente com ela, a preocupação em fazer o melhor para Deus. Segundo Vera, uma das entrevistadas, a importância em aprender música na igreja “é uma evolução, a gente precisa saber as coisas para fazer melhor pro Senhor”. E assim, alunos, professores, pastores e toda a comunidade em geral, trabalham firmes e convictos em fazer o que há de melhor para todos os interessados, ofertando assim um bom louvor a Deus em forma de música.

Referências

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: O humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2001.

CUERVO, Luciane; PEDRINI, Juliana. Flauteando e criando: experiências e reflexões sobre criatividade na aula de música. *Música na educação básica*. Associação Brasileira de Educação Musical. Vol. 1, n. 1 (anual 2009 - ____). Porto Alegre, 2009.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghelli; BARRETO, Sidirley de Jesus. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recre@rte*. Nº 3, p. 1-11, Junho 2005. Disponível em <http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate03.htm>. Acesso em 16/05/2011.

FAVARO, Thomaz. Os Evangélicos dão o tom. *Revista Veja*, Rio de Janeiro. Edição nº 427, junho/2007. Disponível em veja.abril.com.br/060607/p_104.shtml. Acesso em 25/11/2012.

FONTOURA, Marcos Aragão e SILVA, Cleide Alves da. *O ensino da música na banda Shalom*. Disponível em <http://www.musica.ufrn.br/revistas/index.php/abemnordeste2010/.../74>. Acesso em 25/11/2012.

FREITAS, Débora: Educação Musical Formal, Não-Formal e Informal: Um estudo sobre processos de ensino da música nas Igrejas Evangélicas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008. Monografia de conclusão de curso de graduação em Música.

MARQUES, Alice Farias de Araújo. Processos de aprendizagens paralelas à aula de instrumento: três estudos de caso. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 19, p. 37-44, mar. 2008.

MÁRSICO, Leda Osório. *A criança no mundo da música: uma metodologia para educação musical de crianças*. Porto Alegre: Rigel, 2003.

MARTINOFF, Eliane Hilário da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 23, p. 67-74, mar. 2010.

PACHECO, Alice; REZENDE, Maria Teresa. *Projeto Doce Harmonia: uma proposta de ensino coletivo de música*. Conservatório Estadual Cora Pavan Capparelli: Uberlândia, 2004. p. 1–9.

PONSO, Caroline Cao. *Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil*. Porto Alegre: Sulina 2008.

PRASS, Luciana. *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. Saberes e competência no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 7, p. 59-67, set. 2002.

VERAS, Gerson; MEDEIROS, Jessyca Diniz; MATTOS, Márcio. *A contribuição do ensino da música sacra para a Educação Musical no Cariri*. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Ceará. Disponível em encontros.cariri.ufc.br/index.php/eu/eu2011/paper/viewFile/.../240. p. 1-4. Acesso em 12/01/2013

Anexo 1. Partitura analógica do hino “Aleluia”, utilizada pelo professor Davi nas aulas de Flauta Doce.

Aleluia

1ª parte

RÉ RÉ SOL SOL SOL FA# MI MI MI MI FA# FA# MI RE SOL SOL
 A - Le - lu - ia, a - Le - lu - ia, a - Le - lu - ia, a - Le - lu - ia.

RÉ RÉ SOL SOL SOL FA# MI MI MI MI FA# FA# MI RE SOL SOL
 A - Le - lu - ia, a - Le - lu - ia, a - Le - lu - ia, a - Le - lu - ia.

2ª parte

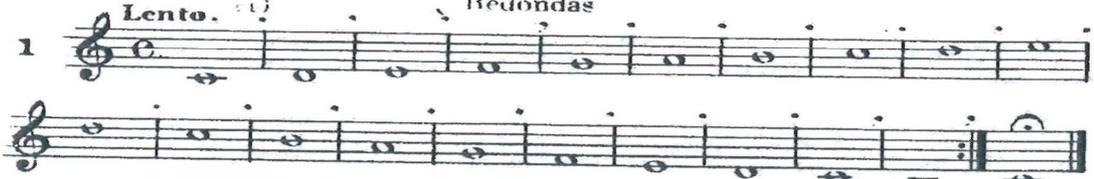
SI	SI	DÓ	DÓ
A -	Le -	lu -	ia,
LA	LA	SI	SI
A -	Le -	lu -	ia,
SOL	SOL	LA	LA
A -	Le -	lu -	ia,
FA#	FA#	SOL	SOL
A -	Le -	lu -	ia.

Anexo 2. Primeiras lições de solfejo.

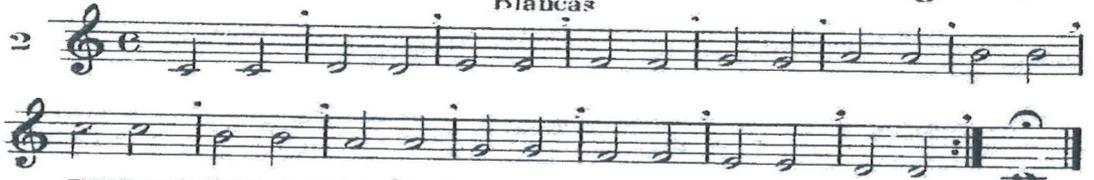
4

ESCALA DEL TONO DE DO, MODO MAYOR
COMPAS DE CUATRO TIEMPOS

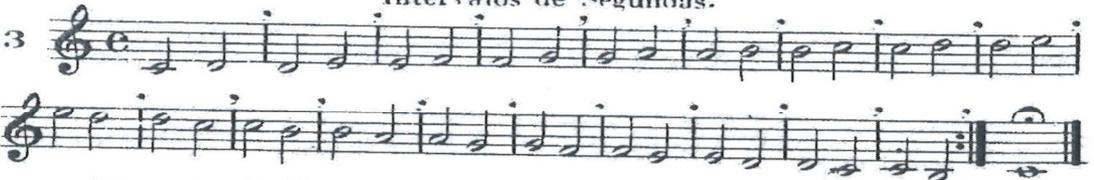
Lento. (1) Redondas

1 

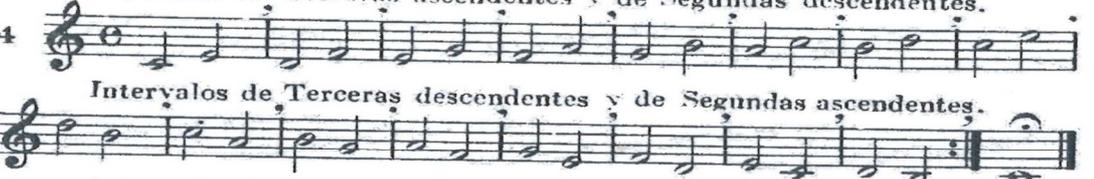
Blancas

2 

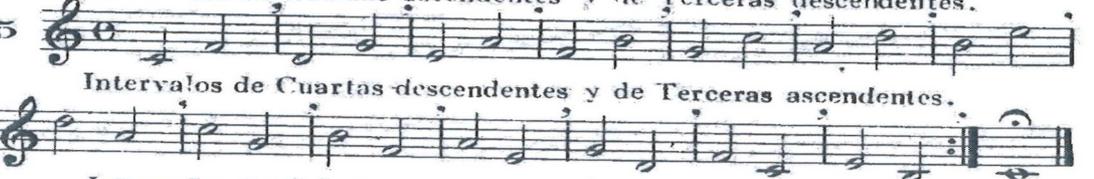
EJERCICIOS PARA LA ENTONACION DE LOS INTERVALOS
Intervalos de Segundas.

3 

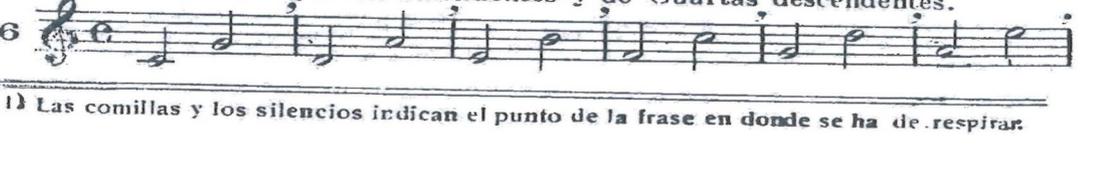
Intervalos de Terceras ascendentes y de Segundas descendentes.

4 

Intervalos de Terceras descendentes y de Segundas ascendentes.

5 

Intervalos de Cuartas ascendentes y de Terceras descendentes.

6 

Intervalos de Cuartas descendentes y de Terceras ascendentes.

Intervalos de Quintas ascendentes y de Cuartas descendentes.

(1) Las comillas y los silencios indican el punto de la frase en donde se ha de respirar.

LEMOINE, E; CARULLI, G. Solfeo de Los Solfeos, volumen 1ª, editora Ricordi.